

FEIRA DA LADRA. REVISTA MENSAL ILUSTRADA – Dirigida por Manuel Augusto Cardoso Marta e editada por A. Gusmão Navarro. Publicada em Lisboa, entre 1929 e 1942, teve sede (Redacção e Administração) na Rua de Santa Ana, à Lapa, 77, em Lisboa.

Além da menção em título a uma periodicidade mensal, não existem outras referências que confirmem esse ritmo de edição. Pelo contrário, a revista segue uma numeração de **página contínua**, por tomo, que não permite diferenciar cada um dos números. Trata-se, portanto, de um produto concebido de forma a possibilitar a posterior encadernação. A existência de um **índice por tomo**, organizado por ordem alfabética, assim o confirma.

Cada tomo está referenciado a um ano e é, aparentemente, composto por **seis números**. As reservas quanto ao número de edições por tomo prendem-se com o facto de essa referência só constar, em rodapé de página, a partir de 1931 (Tomo III). Os números encadernados não apresentam capa, mas provavelmente tinham-na e graficamente idêntica à capa do tomo.

Refira-se que **a distribuição dos tomos pelos anos não é nem totalmente sequencial nem tão pouco exacta**. De acordo com a informação impressa na capa de cada tomo, temos: Tomo I, de 1929; Tomo II, de 1930; Tomo III, de 1931; Tomo IV, de 1932; Tomo V, de 1933; Tomo VI, de 1934; Tomo VII, de 1935; Tomo VIII, de 1937; Tomo XIX, de 1940. Do que resulta que nos anos de 1936, 1938 e 1939 a *Feira da Ladra* não foi publicada. Acresce que, a partir de 1934, todos os tomos incluem textos com datas posteriores à do ano de edição.

Este desajuste estará relacionado, muito provavelmente, com as apertadas regras da **censura prévia**, instituída pelo Decreto nº 22 469, de 11 de Abril de 1933. Aliás, no editorial de abertura do Tomo IX, Cardoso Marta (CM) assim o parece confirmar: «Abre com este número o volume IX da nossa revista. Embarços de vária ordem, os mil óbices que entre nós conseguem quebrar as mais enérgicas vontades e desfalecer as mais desinteressadas dedicações, já acusados em anos precedentes, dilataram o aparecimento dêste número e têm retardado o dos anteriores. Infelizmente, estes impedimentos não só se não arredaram do nosso caminho, mas porventura se têm acrescido e avigorado com a incerteza angustiosa da época que estamos vivendo.»

No **preçário** impresso na capa (posterior) do tomo, apenas constam os preços para a assinatura de seis números (20 escudos) e venda avulso (4 escudos). Não há qualquer informação sobre os canais de distribuição e venda da revista.

Cada número possui, em média, entre **40 a 48 páginas**, um quarto das quais são ilustradas por **gravuras e fotografias**.

No que concerne aos seus conteúdos, a *Feira da Ladra* não apresenta uma estrutura organizativa por **secções** muito evidente. Aliás, o termo “secção” apenas é assumido nos casos «Poeira dos Tempos» e «Livros & Revistas». A primeira, aparece no nº 6, do Tomo I (1929), e CM apresenta-a como nova «secção, que nos foi sugerida por alguns dos nossos leitores e sairá de tempos a tempos, uma compilação de notícias acerca de indivíduos, sucessos,

monumentos, papéis e objectos raros ou curiosos que formos arpoando, aqui e além, em jornais e revistas, livros, folhetos, folhas soltas e manuscritos, até ao meado do século findo.» É a mais duradoira, marcando presença nos 9 tomos da revista. A segunda, está presente nos Tomos IV e V, e o anúncio da sua supressão é justificado por razões de espaço: «A-fim-de deixar à revista Feira da Ladra maior amplitude de acção e mais largo espaço para inserção de escritos da sua especialidade, serão doravante estampadas nas páginas de *O Bibliófilo* as notícias dos livros e revistas enviadas àquela publicação».

Ainda assim, atendendo à sua recorrente presença em diferentes números, poder-se-ão considerar outras secções como, «Poetisas Portuguesas no século XVIII» (T I, II), «Curiosidades e Indicações Úteis e Preciosas» (T III, IV e VI), «Epistolário» (T III, IV, V, VI, VIII, IX); «Nótulas de Viagens» (T VI, VII, VIII, IX), «Usos e costumes da Ilha da Madeira» (T VII, VIII), «Recordando o Passado» (T VII, VIII).

Logo no primeiro número, CM esclarece os potenciais leitores sobre a forma e o conteúdo da publicação. A sua primeira preocupação é sossegá-los quanto à simplicidade e dimensão dos textos: «Nada de estirados aranzéis, que, falando muito, informam pouco. Pão, pão – queijo, queijo». O emprego de uma linguagem familiar – como aliás o próprio título da publicação – reforça a ideia de que se trata de uma **edição que pretende alcançar um público alargado**. No mesmo sentido aponta o facto de o lançamento ter sido previamente anunciado através de um prospecto, conforme refere CM no número em análise.

E do que trata a *Feira da Ladra* para interessar a um público alargado? **Trata sobretudo do passado**, «do viver doutras eras, se não melhor, ao menos mais animado, mais pitoresco, mais clareado da alta chama da fé, da confiança nas virtudes da raça e da esperança num futuro, que uma geração apoucada veio infelizmente retardar». É cheio de significado este trecho do editorial de CM. É evidente que na sua perspectiva há uma linha que divide o “passado” do país em: um tempo, mais longínquo, temperado de «esperança num futuro», e um outro tempo, mais recente, dominado por uma «geração apoucada» que retardou esse futuro. Refere-se provavelmente à 1ª Republica. É uma visão partilhada por muitos e que, em última instância, explica o sucesso da revolução de 28 de Maio de 1926 (que colocou no poder a ditadura militar que antecedeu o Estado Novo).

Dois anos depois, António Oliveira Salazar assume a pasta das Finanças e anuncia que é tempo de «Tomar resolutamente nas mãos as tradições respeitáveis do passado, as realidades do presente, os frutos da experiência própria e alheia, (...) as justas aspirações dos povos, a ânsia de autoridade e disciplina que agita as gerações do nosso tempo, e construir a nova ordem de coisas que, sem excluir aquelas verdades substanciais a todos os sistemas políticos, melhor se ajuste ao nosso temperamento e às nossas necessidades».

A *Feira da Ladra*, ao definir-se como «um armazém de velharias; um repositório de notícias úteis; um divulgador de inéditos e curiosidades; um

orientador de bom gosto; uma fonte inspirativa de artistas e escritores; e, finalmente, uma leitura sã e instrutiva» manifesta uma **sintonia com o discurso governativo**, ou seja com o seu propósito de fazer renascer o esplendor da Pátria, maltratado por anos de discórdia, de desinteligências políticas, de desordem e de quase guerra civil: os anos finais da monarquia e os da 1ª República.

Tal não significa que os colaboradores da *Feira da Ladra* (e foram muitos) fossem simpatizantes do governo e que a publicação se prestasse à promoção das suas políticas. O objecto da revista era o passado e não o presente; o noticiário é praticamente inexistente. A sintonia verifica-se sim no plano ideológico, e ainda assim com algumas clivagens.

O que ecoa pelas páginas da *Feira da Ladra* é o **discurso nacionalista** que marcou este período e que tem como referências fundamentais, **o território, a nação, a história e as tradições**.

Episódios dos **descobrimientos marítimos** e da **colonização** alimentam a tese de um território nacional alargado – contemplando além da parcela metropolitana, os arquipélagos atlânticos dos Açores, Madeira, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde, o território da Guiné, o de Angola e o de Moçambique, em Africa, Goa, Damão e Diu na Índia e a parte portuguesa da ilha de Timor -, mas inalienável. Uma perspectiva que não era novidade, foi mesmo a razão do envolvimento português na 1ª Grande Guerra.

A **heráldica**, a **numismática**, os **monumentos**, **factos heróicos** e **acções abnegadas de personagens quase míticas**, dão testemunho de uma nação estável que soma oitocentos anos de História.

Mais do que a história, a *Feira da Ladra* exalta a tradição. **Os costumes, as formas atávicas de fazer as coisas, de trabalhar, são tema de numerosos textos**: «Lenços de Namorados»; «"Modesto" jantar de outros Tempos»; «Reconstituição de um traje alentejano decaído no último quartel do século XIX», entre outros. São elementos fundamentais para a definição do que era Portugal, e as diferenças regionais em nada obstam à unidade, à coesão, antes são tidos como parte da identidade nacional.

Lisboa e os seus habitantes são, naturalmente, um tema recorrente na *Feira da Ladra*. É ela, afinal, o centro nevrálgico e histórico da Pátria.

Também **a arte**, nas suas mais diversas formas de expressão, **e os artistas nacionais**, são objecto da atenção da *Feira da Ladra*. No campo da **literatura**, sublinhe-se o facto de ter revelado vários **inéditos** de Camilo Castelo Branco, de D. Carlota Joaquina, de Manuel Fernandes Tomás e de Vieira Lusitano.

Importa ainda sublinhar os **critérios de qualidade e rigor** que regem a *Feira da Ladra*. É notória a preocupação em referenciar no tempo e no espaço os documentos reproduzidos, de informar o leitor da sua proveniência (fornecendo, no caso de documentos pertencentes ao espólio de arquivos ou bibliotecas, as respectivas cotas) e de disponibilizar bibliografia complementar.

Cuidados que decorrem das **habilitações académicas e profissionais dos seus colaboradores**, muitos dos quais com cargos de direcção em instituições como a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Brasileira de Letras, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a Escola de Belas Artes de Lisboa, a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o Instituto Histórico do Minho, o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, o Museu Municipal do Porto, a Sociedade Nacional de Belas-Artes, entre outros. **No final do Tomo IX consta uma lista exaustiva com os nomes de todos os colaboradores da *Feira da Ladra*.**

O fim da publicação é anunciado no último número do Tomo IX, através de um texto, não assinado, intitulado «Ao Fechar a Porta». Pela forma como está redigido e de acordo com as “regras” editoriais da revista, a autoria é do Director, ainda Cardoso Marta. E é em tom amargo que evoca os nove anos de vida *Feira da Ladra*, «nove anos de esforço, nem sempre aproveitado; **de sacrifício**, nem sempre compreendido; **de cuidados**, nem sempre dissipados; **de dispêndio material**, nem sempre recompensado».

Bibliografia: FRANÇA, José Augusto, *A arte em Portugal no séc. XX: 1911-1961*, Venda-Nova, Bertrand, 1991; MARTINS, António Viana, *Da I República ao Estado Novo*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976; PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Literária Portuguesa do séc. XX*, Lisboa, Grifo, 1996; TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a Edição, Lisboa, Caminho, 1989; «Feira da Ladra» e «Marta, António Augusto Cardoso» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, 1989.

Rita Correia,
(15.01.2007)